

Caça e biodiversidade entre os Tembé: uma reflexão a partir do conceito de Floresta Antropogênica

Hunting and Agroecology with the Tembé: a reflection based on the concept of Anthropogenic Forests

GONÇALVES, Jakson da Silva¹; MACHADO, Edivandro Ferreira²

¹ Universidade Federal do Pará, jaksonsg95@gmail.com; Museu Paraense Emílio Goeldi, edivandro22ferreira@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Ancestralidades, terra e território

Resumo: Através da caça entre o povo Tembé, trazemos uma reflexão, mostrando o diálogo existente entre práticas culturais e a biodiversidade presente e requerida nas florestas da TIARG. Imersos em um contexto de avanço histórico da fronteira agrícola, o povo Tembé tem lutado bravamente para defender suas florestas contra o desmatamento. Como base teórica trazemos o conceito de “Floresta Antropogênica”. Este trabalho parte de uma abordagem qualitativa, lançando mão da observação participante e de entrevistas semiestruturadas. A caça para o povo Tembé representa alimento, cura, matéria para produções e construções, além de habilidades adquiridas de acordo com a cosmologia. Como forma de manutenção da caça, os Tembé têm procurado garantir condições de regeneração florestal a partir da diversidade de frutíferas que alimentam a fauna cinegética. A interlocução com a Agroecologia se faz, portanto, a partir da soberania alimentar e cultural, com socio-biodiversidade para além de quintais e roçados.

Palavras-chave: povos tradicionais; socio-biodiversidade; soberania alimentar.

Introdução

Através da caça entre os Tembé, apresentamos reflexões sobre a relação existente entre manifestações culturais desse povo e a diversidade faunística e florística na Terra Indígena do Alto Rio Guamá (TIARG). O povo Tembé pertence ao tronco linguístico Tupi (CAMARGOS; DUARTE, 2009) e integra o grande grupo autodefinido dos Tenetehar com os Guajajara, do Maranhão, seu grupo irmão. Partindo de terras do atual estado do Maranhão, os Tembé teriam vindo ocupar as porções de terras do atual estado do Pará (GOMES, 2002). Atualmente na mesorregião do nordeste paraense, esse povo habita seis áreas indígenas reconhecidas como terra ou reserva indígena, além daquelas que estão em processo de reconhecimento legal, embora já tenham reconhecimento cultural.

A TIARG se situa na margem direita do rio Guamá e à margem esquerda do rio Gurupi, fronteira com o estado do Maranhão. Com uma extensão de 279.897 hectares, seu território compõe os municípios de Nova Esperança do Piriá (53,4%), Paragominas (33,3%) e Santa Luzia do Pará (13,3%) (PARÁ, 2017). O nordeste paraense é uma das primeiras áreas de colonização da Amazônia brasileira, com expansão histórica da fronteira agrícola (ARAÚJO; BARBOSA JÚNIOR; SANTOS, 2023; PENTEADO, 1967), o desmatamento e a exploração de madeira ilegal (BRAZ



et al., 2016). Em função disso, com suas territorialidades, historicamente os Tembê têm sofrido violência física e simbólica (FILHO; NEVES, 2020). É imerso nesse contexto que a TIARG detém as principais remanescentes e faixas contínuas de floresta, abrigos de espécies ameaçadas (CELENTANO et al., 2018).

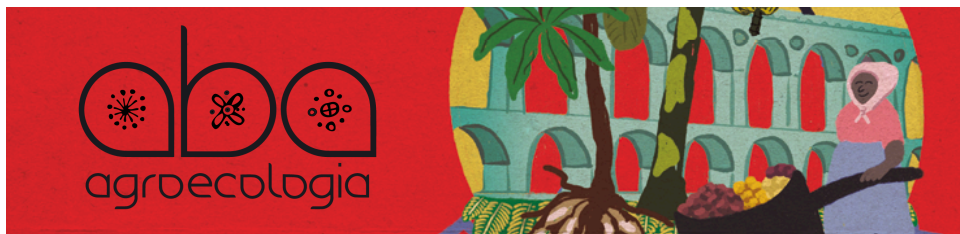
É importante destacar que os Tembê têm conseguido proteger com mais efetividade suas florestas à medida que a garantia legal ao território vai se consumando, seguindo o curso da identificação (1945), da demarcação (1972), da homologação (1993) e, neste ano (2023), da titulação, após uma ação conjunta de desintrusão da terra na qual diversas ocupações não indígenas ainda se faziam presentes. Desta forma, a salvaguarda territorial aos povos tradicionais se configura como eficiente via de proteção florestal, os quais estabelecem, a partir de referenciais ancestrais, suas soberanias locais.

Nessa percepção da contribuição cada vez mais ascendente dos povos tradicionais para com a biodiversidade amazônica, trazemos como categoria teórica para reflexão o conceito de “Floresta Antropogênica” (MAGALHÃES, 2016; 2018), discutido pelo professor e arqueólogo Marcos Magalhães, do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Aqui, partimos de uma análise das práticas culturais da caça e da organização política dos indígenas para a recuperação e proteção de suas florestas. Essa análise encontra interlocução com a Agroecologia a partir dos conhecimentos associados à biodiversidade, o reflorestamento e a soberania alimentar. Com esse debate percebe-se o papel do conhecimento agro, isto é, que planta, para a construção, manutenção e defesa da floresta Amazônica, uma floresta antropogênica.

Metodologia

Este trabalho parte de uma abordagem qualitativa, onde se buscou compreender os processos de organização indígena na defesa territorial, bem como da integração entre caça e flora no contexto das aldeias Sede, Ytwaçu e Pyno'á. Como instrumentos de interlocução, valemo-nos da observação participante, estando presente e interagindo com os Tembê nos momentos de rituais, excursões e acampamento na floresta, podendo daí inferir aspectos de representações da caça (ANGROSINO, 2009). Também realizamos entrevistas semiestruturadas com cinco indígenas caçadores, acerca das técnicas, estratégias e tipos de caça, (ALBUQUERQUE et al., 2019).



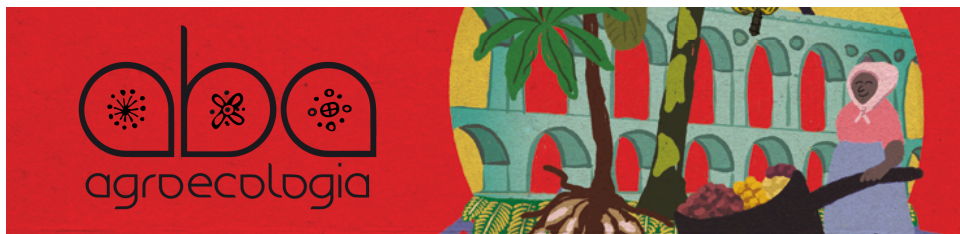
Resultados e Discussão

O conceito de Floresta Antropogênica perpassa a chamada “seleção cultural”, meio pelo qual os primeiros povos “caçadores-coletores”, no início do holoceno, teriam iniciado a seleção e a diversificação de espécies florísticas em seus territórios, possibilitando o estabelecimento humano nessas áreas, inclusive para o advento da agricultura mais sistemática (MAGALHÃES, 2016). Isso só foi possível mediante o desenvolvimento histórico de técnicas de produção, que conduziram a meios recorridos de domesticação e semi-domesticação e na transformação de ambientes pobres em paisagens com uma diversidade favorável (MAGALHÃES, 2016). Compreendendo um tempo e um espaço totalmente diferentes, mas com traços de continuidade, aqui se busca evidenciar o papel dos povos tradicionais na biodiversidade atual, que se dá pelos usos e importâncias dessa biodiversidade às práticas culturais desses povos, no caso do presente trabalho, os Tembé. A seguir, falaremos um pouco da caça entre esse povo.

A caça para o povo Tembé, de acordo com nossos interlocutores, assume diversas importâncias, a saber: na alimentação, ela, junto à pesca, é uma das principais fontes proteicas. Na medicina tradicional, é manuseada para a produção de chás, pastas, além de outras formas de cura local. Na produção de artesanatos, é usada principalmente penas, ossos e dentes. Para além dessas, há demanda ritualística que congrega todas essas importâncias, como na festa do *wira'u haw* (festa-do-moqueado), um ritual de passagem do jovem para a condição adulta, onde atributos dos animais, na cosmologia Tembé, são de interesse aos jovens participantes.

A partir das observações e entrevistas, percebemos que as caças mais visadas pelos Tembé são a paca (*Cuniculus paca*), o tatu (família dos dasipodídeos), o veado (*Mazama americana*), a cutia (*Dasyprocta prymnolopha*), o catitu (*Pecari tajacu*), o porcão (ou porco-queixada) (*Tayassu pecari*) e a guariba (*Allouata* sp.). Para o ritual citado, são buscados as três últimas, além das aves nambu (*Crypturellus parvirostris*), mutum (*Mitu* sp.) e jacu (*Aburria kujubi*). Essa diversidade ainda pode ser ampliada no interesse medicinal, estendendo-se às capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*), antas (*Tapirus terrestris*), outros primatas, além de répteis.

Essa atividade se baseia em um rico conhecimento etnoecológico sobre os animais de interesse, aqui tratados com foco nos hábitos alimentares. Por sua vez, diversas partes das árvores, genericamente chamadas “frutíferas”, propiciam alimento, seja pelas folhas, flores ou frutos. Algumas das frutíferas citadas são: piquiá (*Caryocar* sp.), ingá (*Inga* sp.), abiurana (*Pouteria* sp.), jambo (*Syzygium* sp.), tucumã (*Bactris setosa*), inajá (*Attalea* sp.) e murumuru (*Astrocaryum murumuru*). É com base nelas que se organizam as caças na forma de “espera”, onde o caçador, camuflado ou fora do campo de visão da caça, espera ali a chegada do animal de interesse, uma vez que sabe quais animais vão até essas árvores para se alimentar. Tem também a “varrida”, que é um caminho limpo entre uma frutífera e outra, para que o caçador se



locomova facilmente na área caçada. O ponto é que a localização de frutíferas funciona como indicação tradicional da presença de caças.

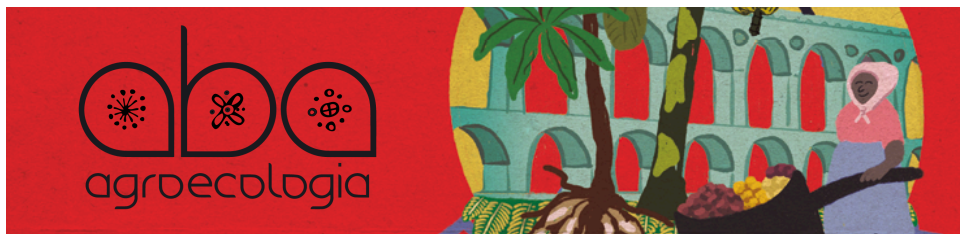
Os Tembé têm se preocupado com a redução das frutíferas, sobretudo o piquiá, maçaranduba (*Manilkara huberi*), acapu (*Vouacapoua americana*), uxi (*Endopleura uchi*), tauari (*Couratari* sp.), abiurana, dentre outras, pois essa redução influi nas caçadas. A redução dessas espécies, que também têm valor econômico, ocorreu pela histórica entrada de posseiros individuais, empresas madeireiras e fazendeiros que extraíram de forma intensa madeira para a construção civil, bem como em decorrência da abertura de pastagens (ALEPA, 1994). Além disso, a vegetação na TIARG, de forma geral, tem sido afetada com deriva de pulverização aérea de agrotóxico, o que tem sido motivo de denúncia pelos indígenas na região do Guamá.

Diante disso, o povo Tembé tem constantemente se organizado para proteger e conservar suas florestas. Eles têm executado ações em educação ambiental, regulação interna das áreas agrícolas e a articulação junto à universidade e departamentos governamentais a fim de reflorestar trechos da TIARG com frutíferas, sobretudo nas proximidades da aldeia, no intuito de retomar sua quantidade e diversidade de caça (PARÁ, 2017; SALES, 1999).

Fazendo uma diferenciação dos sistemas agrícolas, Magalhães (2016) distingue “manejo” e “cultivo”, “plantas úteis” e “plantas domésticas”, apontando ações intuitivas que posteriormente passaram a ser planejadas. Hoje, sistemas de manejo da flora com interesse na caça ainda podem ser observados, conforme a descrição anterior, no qual as estratégias de caça também se adequam. No caso dos Tembé, essa associação orienta planos de reflorestamento, com seleção de espécies a partir do manejo direto (domésticas) e indiretas (as florestais), mas todas com importâncias significativas à cultura Tembé. Na definição de Magalhães (2016), podemos chamar isso de seleção cultural.

Em um levantamento acerca do uso atual da flora de Carajás (sudeste do Pará), Lima *et al.* (2018) apontam a categoria de uso “atração para caça” como umas das mais destacadas, vegetação que atende às descrições arqueológicas florísticas desde 11.000 anos para essa área, evidenciando, portanto, similaridades com o uso pretérito. Em meio à ampla diversidade conseguida na floresta amazônica, chama a atenção o fato da permanência do uso de muitas dessas espécies, o que nos leva a pensar em um sistemático processo de usos, de técnicas de manejos na promoção da seleção cultural, que observamos perdurar, como no caso dos Tembé.

Por meio da seleção das “frutíferas”, esses povos também selecionam indiretamente as espécies de animais, que são importantes na alimentação humana. Fica evidenciado a contribuição antropogênica com a floresta amazônica para além dos organismos botânicos. Com isso, a biodiversidade, floral e animal, é uma característica do sistema de seleção tradicional, baseado na leitura das redes ecológicas e suas inter-relações com os usos culturais. Os Tembé compreendem



que impactos a sua biodiversidade representa um impacto direto às suas práticas culturais.

Nos tempos atuais e no contexto geopolítico em que a TIARG se encontra, nós adicionamos mais um elemento à contribuição da cultura Tembé às florestas: a “defesa” delas. Preservando as poucas e remanescentes faixas contínuas de florestas do nordeste paraense, a cultura Tembé também firma sua marca na paisagem local e na proteção dos seus serviços ecológicos. Aliás, as terras indígenas, no Brasil, são as áreas de menor desmatamento nos últimos 30 anos (MAPBIOMAS, 2021), à frente das Unidades de Conservação.

A defesa de suas florestas, que é uma postura ativa e constante, é a defesa de um patrimônio biocultural, desvelado nos seus saberes da cultura alimentar, das práticas de cura, das diversas produções e construções artesanais, que estão associadas às espécies e variedades de fauna e flora da Tiarg. Portanto, quando os Tembé defendem a floresta, eles defendem suas condições básicas de autoconstrução simbólica e material.

Conclusão

Por meio do conceito de Florestas Antropogênicas, associando com a caça no contexto Tembé, é evidenciado a atuação humana na composição e diversificação da floresta. Ao mesmo tempo se observa os produtos florestais sobre os quais se constroem domínios culturais locais. O que classificamos hoje como conhecimento agroecológico, congrega essas inter-relações, interdependências, fincadas nas condições locais e de autonomia dos sujeitos. Com o entendimento das florestas culturais, compreendemos um pouco mais da importância e da contribuição dos povos tradicionais, de outrora e de agora, fundamentados sobre o terreno da socio-biodiversidade, para muito além do que hoje se entende como cultivo e criação, extrapolando a noção de quintais e de roças. Se o ser humano é um dispersor de mudas e sementes, ele é também um agente ecológico importante ao seu ecossistema.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, U. P. *et al.* **Methods and Techniques in Ethnobiology and Ethnoecology**. 2nd. ed. New York, NY: Humana Press, 2019.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Tradução de José Fonseca. São Paulo: Artmed, 2009. 130 p.

ARAÚJO, R. A.; BARBOSA JÚNIOR, I. O.; SANTOS, G. G. O avanço da fronteira agrícola na Amazônia Oriental: uma análise do uso e cobertura do solo nos municípios produtores da soja da microrregião de Paragominas-PA. **Caderno de Geografia**, v. 33, n. 73, p. 658-688, 2023.



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DOS ESTADO DO PARÁ. **Comissão especial de estudo sobre os índios Tembé-Tenetehtar da reserva indígena do Alto Rio Guamá.** Belém: Alepa, 1994.

BRAZ, L. C. *et al.* A situação das áreas de endemismo na Amazônia com relação ao desmatamento e as áreas protegidas. **Boletim Geográfico de Maringá**, v. 34, n. 3, p. 45-62, 2016.

CELENTANO, D. *et al.* Desmatamento, degradação e violência no" Mosaico Gurupi"- A região mais ameaçada da Amazônia. **Estudos Avançados**, v.32, n.92, p. 315-339, 2018.

FILHO, N. R. J.; NEVES, I. S. A Batalha do Livramento: exposição e silenciamento entre os Tembé-Tenetehara. **Revista Moara/Estudos Linguísticos**, v. 1, p. 199-217, 2020.

LIMA, P. G. C. *et al.* Plantas úteis na flora contemporânea e pretérita de Carajás. *In*: MAGALHÃES, M. P (Org.). **A humanidade e a Amazônia: 11 mil ano de evolução histórica em carajás.** Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2018. p. 183-207.

MAGALHÃES, M. P (Org.). **A humanidade e a Amazônia: 11 mil ano de evolução histórica em carajás.** Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2018. 260 f.

MAGALHÃES, M. P (Org.). **Amazônia Antropogênica.** Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016. 429 f.

MAPBIOMAS. **O papel das terras indígenas na proteção das florestas.** [S./]: MAPBIOMAS, 2021. Disponível em: <Fatos_sobre_o_Papel_das_Terras_Indígenas_18.04.pdf (mapbiomas-br-site.s3.amazonaws.com)>. Acesso em 10 de julho de 2023.

PARÁ. Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade. **Gestão Ambiental e Territorial da Terra Indígena Alto Rio Guamá:** diagnóstico etnoambiental e etnozoneamento. Belém: Ideflor-Bio, 2017. 380 p.

PENTEADO, A. R. **Problemas de colonização e de uso da terra na Região Bragantina do Estado do Pará.** Belém: UFPA, 1967.

SALES, N. **Pressão e resistência:** índios Tembé-Tenetehara do Alto Rio Guamá e relação com o território. Belém: UNAMA, 1999. 89p.